

O Tempo e os jumentos

El Tiempo y los burros

The Time and the donkeys

Enviado: 31.01.23

Aceptado: 27.02.23

Samylla Mól

Mestra em Directo Ambiental. Formada em História e em Direito. Assessora parlamentar em Direito Animal.

Email: samyllamol@hotmail.com

Texto zoopoético que aborda a temática do massacre dos jumentos no Brasil com a finalidade de exportação para a China. Na narrativa, o Tempo, tudo observa e faz um breve percurso sobre a História dos jumentos no Brasil, com o olhar de quem clama por Justiça.

Palavras-chave: tempo, jumentos, massacre, exportação.

Texto zoopoético que aborda el tema de la masacre de burros en Brasil con el objetivo de exportar a China. En la narración, el Tiempo observa todo y hace un breve recorrido sobre la Historia de los burros en Brasil, con la mirada de quien clama por la Justicia.

Palabras clave: tiempo, burros, masacre, exportación.

Zoopoetic text that addresses the theme of the massacre of donkeys in Brazil with the purpose of export to China. In the narrative, Time observes everything and makes a brief journey on the History of donkeys in Brazil, with the look of someone who calls for Justice.

Key Words: time, donkeys, massacre, export.

Eu sou o Tempo. Alguns dizem que corro, outros, por vezes, me pedem pra passar mais rápido. O que realmente sou, só a mim pertence. Como me veem, depende do tipo de olhar e do que cada ser carrega em si.

Fato é que sou observador. Vejo gente chegando, vivendo e partindo. Vejo impérios sendo construídos e também estou atento quando eles desmoronam.

Às vezes me culpam pelas desgraças que acometem a vida. Quanta injustiça eu sofro, pois sou apenas aquele que faz passar, de olhos atentos.

Dentre as muitas histórias que carrego em mim hoje venho falar sobre os jumentos. Esses animais parecem uma miniatura de criatura. Com o olhar infantil e ares de ternura, eles carregaram a Sagrada Mãe Maria e estavam lá quando Jesus nasceu. Que doce presença o Menino Deus percebeu!

Rodopio pelas minhas memórias e busco na História o papel desse animal. Vejo lombos carregados, pisadas firmes e humanos ao lado. Eles trabalhavam. Onde? Por toda parte onde existiram e sua força motriz foi necessária.

Sou o Tempo. Volto a mim mesmo, dessa vez no Brasil. Estou no Nordeste. Há jumentos por toda parte. Há cangalhas, chicotes, coisas e pessoas a serem transportadas. Os pequenos animais resistem, por vezes empacam em resistência. Nada que uma pancada de dor não consiga esmaecer e fazê-los seguir.

Eles marcham por mim, enquanto passo, observando os homens inventando coisas.

Concentro num tempo, evento. É criado o motor. Penso no jumento. Lembro dos lombos

feridos, dos cascos rachados, do olhar cansado. Vejo jumentos por toda parte, Nordeste Brasil afora. Para os menos vividos, ocorreria o pensamento: é chegada a abolição do sofrimento do jumento! Agora há trator, motos, motor.

Eu, o Tempo, balanço a cabeça nas minhas memórias de observador atento: pobre jumento! No meu passar, vi a substituição desse animal e seu abandono ao relento. Motos passam pelas trilhas traçadas a cascos, fazendo barulho, criando pó e atropelando os que atravancam seu caminho. Sai, jumento! Vá pastar em outras bandas, animal inútil.

Penso em como ser Tempo é dolorido. Não posso tomar partido, só assisto a cobiça, as injustiças e a cegueira humana em relação ao sofrimento dos bichos.

Sigo em minhas memórias e me firo por dentro. Vejo um curral cheio de jumentos. Machos, fêmeas, filhotes, todos desajeitados, mau alojados, assustados e famintos. Aperto o olhar pra me situar e lembro, com clareza, o que se dá: iniciou-se a era do abate dos jumentos. Concentro e vejo o corredor de abate. Sinto o sangue escorrendo por minhas lembranças dolorosas. Tento correr, em vão.

Eu, o Tempo, estou no momento presente, presenciando a dor e o risco de extinção dos doces jumentos nordestinos.

Tento entender o que se passa, já que eu mesmo não posso passar.

Vejo eles sendo mortos e sua pele sendo retirada. Descubro que ela é exportada pra China. O jumento não é mais inútil, ele agora é couro que contém substância afrodisíaca para chineses.

Para quem os vê assim, pouco importa se carregaram a Sagrada Mãe, se trabalharam duro durante a formação do Brasil, ou, mais ainda, se são como miniaturas de olhar puro e coração sereno.

Eu, o Tempo, que devia ser forte e sábio, caio em lamento: pobre jumento!

Penso na irmã Sabedoria e na falta que ela faz. Se ela estivesse aqui, o cenário seria outro. Os jumentos seriam vistos como parte integrante da cultura no Brasil, por sua História de trabalho junto a esse solo.

Lembro, também, da Empatia. Ahhh, essa amiga tão necessária aos homens. Chamo por ela, peço que interfira, argumento: - Ele é ser vivo e sensível, o jumento! Não pode ser acuado, preso, morto assim, como mero produtor de substância afrodisíaca. Toque as pessoas, Empatia! Mostre a elas o que há por trás daquele olhar, de criatura minúscula, tão linda e doce.

Penso em quem mais posso chamar, enquanto vou passando e assistindo a matança. Que agonia estar presente e não poder ajudar. Vejo filhotes magros, maltratados e mães com desespero no olhar. Quanta crueldade!

Eu, nutrido de dor (e quem disse que o Tempo não sofre!), percorro minhas memórias e penso na História da proteção aos animais. Vejo leis surgindo e pessoas comemorando.

Vejo papéis com letras impressas tratando de Direitos Animais. Clamo, então, pela ajuda da Justiça, amiga de longa data:

Venha, Justiça! Acuda os jumentos! Eles estão sofrendo e sendo dizimados no Brasil. Venha, Justiça, venha!

Termino esse escrito, desabafo, passando, mas esperando que a Justiça se faça presente e acuda esses animais.

SAMYLLA MÓL

Mestra em Direito Ambiental. Formada em História e em Direito. Consultora jurídica e legislativa em Direito Animal. Assessora Parlamentar. Membro do Instituto Abolicionista Animal. Membro efetivo da Academia Marianense de Letras Fundadora e administradora do Santuário de Proteção aos animais Paz e Bem.